JIMENO, Myriam. 2014. *Juan Gregorio Palechor: the story of my life*. Durham and London. Duke University Press. 230 pp.

Jose Arenas Gómez
Antropólogo
josearenas2@gmail.com

The story of my life é a tradução do livro *Juan Gregorio Palechor: historia de mi vida*, publicado originalmente em 2006 num esforço editorial conjunto entre o Consejo Regional Indígena del Cauca (CRIC), na Colômbia, e as universidades do Cauca e Nacional, referências acadêmicas do país. A tradução foi publicada pela editora da Universidade de Duke (Estados Unidos) na série "Latin America in Translation", tendo agora um prefácio assinado por Joanne Rappaport, antropóloga norte-americana com ampla experiência na pesquisa colaborativa com indígenas na Colômbia.

O texto é um resultado parcial de uma longa relação acadêmico-colaborativa entre Myriam Jimeno, reconhecida antropóloga colombiana, e Juan Gregorio Palechor, reconhecido líder indígena Yanacona que viveu toda a sua vida no sudeste colombiano, uma região com ocupação maioritariamente indígena e camponesa conhecida como o Cauca. Dividido em três partes, o livro procura mostrar a interação entre as duas pessoas no diálogo e, além delas, a presença de uma terceira pessoa – como aponta a autora em diferentes momentos do texto, a presença do leitor como terceiro sujeito no diálogo foi constante durante as conversações com Palechor. Este diálogo a três vozes converte-se numa das caraterísticas não só da obra em questão, mas da autobiografia enquanto categoria, sendo essa uma das ideias fundamentais que traz a autora na primeira parte do livro.

Nesta primeira parte, "Narrações, histórias de vida e autobiografias", Jimeno retoma diferentes trabalhos acadêmicos para refletir sobre o lugar das narrações na pesquisa antropológica e historiográfica. Mostra então que, mesmo quando a narração e a oralidade têm sido uma das principais fontes na pesquisa antropológica, o tratamento que dela tem sido feito é muito diferente. Se, nos inícios do século XX, o interesse nas autobiografias como produto narrativo focava alguns personagens indígenas, associando eles à imagem de "bons selvagens" e lhes outorgando o lugar passivo a serem condenados pela invasão dos brancos, o tratamento das histórias de vida ganhou posteriormente um lugar como ferramenta para explorar

os contextos culturais em que a pessoa protagonista está inserida, isto é, família, política, relações intergeracionais, mudança social, relação com o Estado etc.

De forma similar, o lugar de quem pesquisa e aquele de quem protagoniza a autobiografia passaram por mudanças: de uma tentativa por mostrar a autobiografia como um espaço com uma única voz, passa-se a encará-la como um processo dialógico onde quem pesquisa tem uma agência fundamental: a reflexão de quem protagoniza a autobiografia é incitada, movida e mediada pelas perguntas e pelos interesses de quem pesquisa. Nesse sentido, Jimeno se sente confortável com a ideia sintetizada por Lawrence Watson e Watson-Franke de que a autobiografia é a confluência e a mistura das consciências de quem pesquisa e do sujeito com quem pesquisa (:13).

Em diversos momentos deste capítulo, Jimeno sublinha que a narrativa autobiográfica, como produto dialógico de pelo menos dois sujeitos, não pode ser encapsulada na diferenciação entre uma realidade em si mesma, uma experiência dessa realidade e uma narração sobre essa experiência, já que narrar é experimentar de novo, sendo assim uma forma de recriar a realidade. Isso permite então explorar não só a interação entre tradições culturais coletivas e a vida de participantes individuais dentro dessas tradições, mas também narrativas que desafiam e desconstroem discursos hegemônicos habitados por figuras heroicas.

Neste último ponto radica um dos elementos importantes do livro, que, ao mesmo tempo, abre passo à segunda parte, "Juan Gregorio Palechor: entre a comunidade e a nação". Palechor é uma figura subalterna, não só por ter dedicado sua vida à luta pelos direitos de camponeses e indígenas da Colômbia, mas por ser um indígena que não se encaixa no clássico protótipo; sua gente adoptou o espanhol como língua única muitas gerações atrás, suas festividades não se diferenciam muito daquelas da população geral do país, assim como o grosso dos seus costumes e crenças. Devo aqui abrir um parêntese: em vários momentos do texto aqui resenhado, fica a sensação de que a autora generaliza a situação identitária de Palechor, estendendo-a como um rasgo da "indigenidade" colombiana. Pois bem, ao comparar com o texto original, fica claro que dita sensação deve-se à forma como algumas partes foram traduzidas.

Se não radica em elementos diacríticos, a diferenciação entre os indígenas da região e a sociedade geral radica nas formas de autorreconhecimento, categoria que abre espaço à autora para apresentar um panorama indígena colombiano, composto, na época da escrita, por 3.4% da população do país, com 87 grupos, 14 famílias linguísticas e 64 línguas. Esta apresentação do panorama indígena colombiano é iluminada pela autora numa das suas fases mais visíveis, a etnicidade. Não é por acaso que ela escolhe esta via argumentativa: primeiro, é uma das

suas especialidades e, segundo, falar de Palechor é falar de um processo no qual a identidade indígena aparece no campo das negociações políticas *a posteriori*, sendo precedida por demandas próprias da questão camponesa.

Jimeno mostra que, nos anos 70, a luta pelo reconhecimento da identidade e dos direitos indígenas na Colômbia estava envolvida pela luta por uma democracia e pela justiça social num modo geral, num contexto onde as regiões rurais do país eram foco do esquecimento estatal e da violência em múltiplas facetas, incluindo, claro, a desapropriação das terras com aprovação do Estado, já por obra, já por omissão. Nesse sentido, a autora retoma o conceito de "indigenismo" de Alcida Rita Ramos para argumentar que, mesmo quando a questão indígena obteve grande visibilidade e o reconhecimento de direitos básicos na Reforma Constitucional de 1991, esta questão só pode ser entendida como uma arena de negociação, confrontação e troca entre atores sociais (Jimeno, 2014:31).

Se a questão indígena só pode ser entendida dentro de um panorama maior de negociação entre diferentes atores, para além dos indígenas, o assunto da etnicidade aparece como a forma que toma dita negociação quando se trata de identidade e reconhecimento. Neste contexto, a autora defende que a etnicidade enquanto categoria relacional não depende de uma continuidade cultural toda vez que a identidade pode continuar ainda quando as pessoas percam suas tradições culturais. Pelo contrário, seria manifestada em situações econômicas, sociais e políticas de dominação, marginalização, rejeição e exclusão. Jimeno parte então do fato de que, neste contexto, a identidade étnica se converte em algo contextual e com limites pouco claros, fortalecidos por agentes sociais particulares e sob circunstâncias precisas (:36).

Essa contextualidade da identidade étnica se converte em um dos fios condutores do livro, já que a fala do Palechor é uma ilustração de como essa identidade indígena aparece e se reconfigura no meio de muitas lutas, paradoxos e tensões. O contexto dado por Jimeno abre também a porta para a terceira parte do texto, aquela que empresta seu nome para batizar o livro. Se nas duas primeiras partes do livro a voz de Jimeno aparece de forma ativa, nesta última parte sua voz é diluída, parecendo invisível, enquanto que a voz de Palechor surge com todo seu protagonismo. Porém, não podemos esquecer que esta fala de Palechor é resultado de um diálogo; são respostas a perguntas que atendem um interesse específico. Nas 100 páginas que seguem, encontramos a fala de alguém curtido na luta, no distanciamento e, em parte, no esquecimento do Estado. Esta fala é de quem tem sob seus pés quilômetros de caminhos percorridos e feridas na língua de tantas vezes reclamar por direitos – os seus e dos que, como ele, têm sofrido múltiplas violências.

A narrativa de Palechor é a transcrição das suas respostas às perguntas-guia de Jimeno, apresentando sua fala de forma direta, mais como um longo discurso. Por sinal, o mesmo Palechor revisou num primeiro momento a transcrição original feita pela autora, adicionando alguns elementos pontuais. Embora os fatos estejam organizados de forma cronológica, existe uma série de ires e vires internos à narrativa nos quais Palechor retoma elementos às vezes já ditos para reforçar novos fatos contados, ou, onde traz fatos acontecidos *a posteriori*, para precisar fatos dos quais já falou. Palechor começa sua fala explicando onde e quando nasceu, mas, a seguir, traz para sua narrativa o fato de fazer parte da quinta geração da família Palechor, apresentada por ele como uma família com liderança e protagonismo dentro da comunidade. Os fatos do protagonismo dos ancestrais de Palechor são discutidos por Jimeno em partes anteriores à luz de documentos historiográficos da região, mas independentemente de qualquer inexatidão, o importante na narrativa parece ser contar que, se os Palechor foram protagonistas no passado, Juan Gregorio continuaria o legado sendo protagonista no presente.

A fala de Palechor mostra seu caminho por diferentes organizações, procurando sempre o reconhecimento de dois direitos fundamentais: o direito à terra e o direito à educação. Palechor se identifica como liberal, principalmente por ensinamento do seu pai, num momento onde a política colombiana dividia-se entre dois partidos políticos: os conservadores, que defendiam posições de direita, e os liberais, que defendiam posições mais de centro e, com algumas particularidades, de centro-esquerda (não confundir o partido liberal colombiano de inícios dos séculos XIX e XX com neoliberalismo ou com o liberalismo econômico da atualidade). A pouca educação que recebeu na escola e no quartel militar (na Colômbia, como no Brasil, é obrigatório prestar serviço militar), somada a seu interesse por aprender, foi suficiente para fazer dele um ávido leitor de jornais, principal fonte do seu conhecimento político e forte formador da sua opinião frente ao país. Sua preocupação pela situação das pessoas da sua localidade, a sua iniciativa e a sua boa oratória foram elementos definitivos para sua consolidação como líder, chegando a ocupar uma posição dentro do governo local como deputado da sua região.

Sua posição política como indígena começa a se fazer pública após ingressar na Asociación Nacional de Campesinos (ANUC) e, posteriormente, em uma das maiores organizações indígenas surgidas de dita associação: o CRIC. Neste último, ele seria um dos protagonistas do movimento indígena que, da mão de outras organizações sociais, conseguiu que na reforma constitucional de 1991 a Colômbia fosse designada como um país pluriétnico e multicultural com direitos específicos para as comunidades indígenas. Lamentavelmente, Palechor

morreu dois anos depois da proclamação da nova constituição e não conseguiu testemunhar as importantes mudanças que seu trabalho ajudou a forjar.

A fala de Palechor enfatiza sua participação em diversos âmbitos políticos, sublinhando uma e outra vez sua capacidade para aprender coisas inclusive em situações adversas, assim como tensões e decepções que teve nas diferentes organizações nas quais participou. A “história da sua vida” é mais a história da sua vida pública, com poucas menções à sua vida privada, salvo a reiteração de que, apesar de não ter cursado toda a escola, sua família sempre foi cheia de valores e de boa educação. Esta ênfase não é fortuita, pois, como a mesma Jimeno assinala, a fala de Palechor neste livro procura uma audiência não indígena; ela, é em si mesma, um exercício político onde seu reconhecimento como indígena se alimenta da incorporação de diversos discursos, mesmo quando estes podem ser contraditórios.

Se a autobiografia não é uma novidade na pesquisa antropológica, muito menos quando quem age como protagonista faz parte de um povo indígena, por que é interessante um diálogo com Palechor? Como vimos, Palechor foi um reconhecido líder indígena que, procurando seu caminho, ajudou a traçar o caminho para o reconhecimento dos direitos indígenas na Colômbia. Seu foco narrativo na forma como os ires e vires da política colombiana foram incentivando o crescimento da consciência de ser indígena é interessante em si mesmo; porém, outro elemento transcendental radica no contexto do diálogo entre Jimeno e Palechor. O motivo original da escrita do livro está dado de cara na introdução. Nela, sucinta, mas poderosa, sublinha-se um elemento que não aparece muito claro na fala de Palechor: devido a assuntos de ordem pública na Colômbia de finais de 1970, tempo no qual a guerrilha do M-19 conseguiu dar golpes militares de grande impacto simbólico, o governo colombiano decidiu perseguir tudo aquilo que tivesse alguma ressonância com a esquerda. Um movimento indígena que reclamava seu direito à terra e à educação, que encarava os fazendeiros e usava algumas das formas discursivas da esquerda marxista era percebido como partidário da guerrilha; isto, claro, sob o olhar de um governo de direita que tradicionalmente ostentava o poder naquela Macondo de Gabriel García Márquez. Estas circunstâncias e outras delas derivadas fizeram com que a publicação do livro demorasse quase 20 anos.

A narrativa de Palechor não fala só do seu lugar como liderança do movimento indígena, liderança baseada, em grande medida, na sua capacidade de mediar entre o mundo indígena e o mundo não indígena. Fala também do movimento em si. Sua voz é nutrida por múltiplos discursos, pois têm sido múltiplas as posições desde as quais o movimento indígena tem se construído. É uma voz que

ecoa muitas outras, subalternas todas, e que constrói uma história de mudanças, de tensões e de descontentamentos, mas sobretudo, de ação. É uma história que procura "uma verdade", multissituada, claro, e que fecha com uma mensagem que pode ser mais um aviso não só para a sua plateia original, mas para os mesmos indígenas: "¿a qué le tengo miedo? A caerme de mis propios pies. No he tenido miedo porque me he confiado de mi trabajo. Cada paso lo he pensado" (Palechor, 2006:192, da versão do livro em espanhol).